

A VIDA UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA

— EVARISTO DE MORAES FILHO —

OS poucos anos que temos de professor universitário — como simples livre-docente, diga-se de passagem — têm-nos enchedo de pessimismo quanto à vida universitária nacional. Ainda falta na nossa gente a consciência do significado de universidade, como centro de cultura, como organismo social de estudo e aprendizado. Basta dizer que o professor acaba o ano letivo, e não chegou a conhecer todos os seus alunos, nem mesmo pessoalmente. Muitas vezes vêm a travar conhecimento no dia de exame final, quando do encerramento do período escolar. Convenhamos que isso é o cúmulo!

Defendem-se os estudantes: falta-lhes tempo para poderem frequentar as aulas, muitos deles trabalham, têm ocupações que os prendem demasiado, e por isso não podem dar a assistência desejada ao currículo escolar. Mas, infelizmente, nem sempre a verdadeira causa aí se encontra. Por isso mesmo, instituíram-se dois horários: um diurno e outro noturno, a fim de que todos pudessem encontrar oportunidade de comparecer às aulas. E, diga-se a bem da verdade, os alunos da noite, em geral mais velhos, já casados, chefes de família, que trabalham, são mais assíduos que os seus colegas da tarde.

Em matéria de frequência, dá-se entre nós um fato curioso. O estudante sabe que a sua profissão é ser estudante, tanto assim que se mune desde logo da sua carteirinha, com o retrato colado, dando-lhe autenticidade, dela se beneficiando em restaurantes oficiais, meios de transportes e sobretudo nas diversões públicas. Para isso ele não se engana, nem se esquece nunca da sua profissão: é estudante. Mas, no momento de dar as caras, de agüentar em silêncio umas poucas duas ou três horas diárias de aula, aí então ele se esquece da sua situação profissional, faz do estudo um bico, e só se movimenta a caminho do prédio da sua escola quando nada mais tem para fazer aqui fora: praia, namorada, cinema, bate-papo, e assim por diante.

Em realidade, confundem os nossos estudantes **curso** com **concurso**. Neste, sim, comparece o candidato uma única vez perante a banca examinadora, já que a sua tarefa consiste em prestar exames, submeter-se às provas, nada mais do que isso. Pouco importa à banca por onde andou o candidato, em que local estudou, em que livros leu. O contato dos dois — banca e candidato — é momentâneo, presente, reduz-se a um ato de coragem do segundo. **Curso**, no entanto, é outra coisa. O seu próprio nome logo sugere alguma coisa que flui, que corre continuamente, que se mantém numa série progressiva e cumulativa, num crescendo evolutivo. Não é à toa que se chama em geografia o **curso de um rio** o caminho por onde ele passa. Se aquê é um ato instantâneo de coragem, este é um ato demorado de perseverança. Distinguem-se entre si como a aventura de uma noite do casamento monogâmico...

Não vêem ou não compreendem os nossos estudantes o quanto lhes representa em economia de esforço frequentar as aulas. O professor, se não for de todo imbecil ou analfabeto, deve significar alguns anos de estudo, com pleno conhecimento da bibliografia universal, sabendo separar com critério o joio do trigo, servindo de guia seguro para as empíricas leituras de quem se inicia, inseguro e dispersivo. Não pensa assim, porém, a maioria da classe estudantil brasileira. Prefere jogar com a sorte: arriscar uma colazinha, o sorteio de um ponto seu conhecido, ou decorar feito papagaio às vésperas das provas. Há, realmente, os que não podem frequentar as aulas, mas que estudam. Constituem exceção absoluta, e perdem ainda assim, pelo desgaste inútil de esforço e pesquisa.

E aí do professor que inventar qualquer tarefa coletiva além das duas magras provas anuais! Passa a ser evitado como um perigo público, como um estragaprazeres da moçada, que tem mais o que fazer. Por isso mesmo, os contatos universitários brasileiros são apenas formais, superficiais, categóricos, vendo-se professores e alunos com desconfiança recíproca. No Brasil, pouco ou quase nada trabalha o estudante universitário. Talvez seja o País do mundo onde maior seja este índice absenteísta de tarefas e de pesquisas em grupo. Cada um cuida de si, contando nos dedos o transcurso rápido dos anos de universidade.

Sendo o elemento humano o material indispensável para os restantes contatos sociais, é natural que tudo mais desapareça da suposta vida universitária brasileira: centro de estudos, bibliotecas, debates, pesquisas, trabalhos de críticas e de comentários feitos em grupo, etc. O verdadeiro espírito comunitário falta no Brasil. Por isso mesmo nunca deixou de ter razão o velho Tobias Barreto, mostrando o nosso profundo insolidarismo social: "No Brasil, povo significa uma multidão de homens, como porcada significa uma multidão de porcos".